



Análise de textos multimodais da Web e o ISD*

WEB multimodal text analysis and SID

Anise D'Orange FERREIRA (Unesp Araraquara)
Glenda Cristina Valim de MELO (Unirio)

RESUMO

Neste artigo visamos a apresentar, primeiramente, a compatibilidade entre as análises de textos no quadro do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) de Bronckart (1999, 2006, 2008) e as dos textos multimodais de Baldry e Thibault (2010), visto que ambas compartilham semelhanças, no que se refere a uma visão social de linguagem, conceito de gênero e aos níveis da análise. Em segundo lugar, pretendemos mostrar que as diferenças no instrumental analítico não impedem a apropriação de elementos de análise dos textos multimodais da web ao plano analítico do ISD. Concomitantemente, exemplificamos a proposta por meio de análise de um texto em web.

Palavras-chave: *Interacionismo sociodiscursivo; textos modais; análise de dados.*

* Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada em simpósio do VI SIGET 2011.

ABSTRACT

In this article we present, firstly, the compatibility between the analysis from the Socio-discursive Interactionism (SDI) proposed by Bronckart (1999, 2006, 2008) and the multimodal texts from Baldry & Thibault (2010). Both of them share similarities concerning the social view of the language, genre and analysis levels. Secondly, it is also intended to show that the differences among the analytical instruments do not interfere in the appropriation of analytical elements of web multimodal texts and the SDI analytical plan. Concomitantly, we exemplify the purpose through a web text analysis.

Key-words: *Socio-discursive interactionism; the multimodal texts; data analysis.*

Introdução

A análise de gêneros de textos como instrumento de trabalho do professor de língua, dentro do quadro do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD; Bronckart 2007) é conhecida e difundida por vários membros do Grupo Alter/CNPq (Lousada, Oliveira Barricelli & Tocaia 2010; Machado Abreu-Tardelli & Cristovão 2009, entre outros). Essa análise dirige-se ao texto verbal, sem um ferramental formalizado e específico voltado para interpretação de elementos referentes às dimensões de significado multimodais do texto, a saber, imagens estáticas ou dinâmicas, sons, gestos e espacialidade. Entender-se-á por textos multimodais, aqui, aqueles que integram recursos de sistemas semióticos diferentes na organização dos textos, como efeitos combinados, não isolados (Baldry & Thibault, 2010). Há, a nosso ver, uma emergência de aprimorar os aportes adotados pelo grupo às novas mídias digitais. Tais dimensões têm crescido na preocupação dos que seguem a pedagogia do multiletramento, como Lemke (2005) e *The New London Group* (1996), há mais de uma década assumindo o desafio de considerar as leituras de realidades em mudança - seja na vida profissional, que passa de um pós-fordismo a uma diversidade produtiva; seja na vida pública, da redução do pluralismo público ao civismo público ou na vida privada, da invasão do seu espaço à constituição de um mundo em múltiplas camadas.

A fim de contemplar tal preocupação - de ter uma análise complementar ao que se faz dentro do grupo ALTER com instrumental de análise do ISD, pretendemos, como primeira reflexão, introduzir a proposta analítica dos textos multimodais de Baldry e Thibault (2010), doravante B&T, do quadro da semiótica social, específica para as páginas da web. Uma tentativa recente bem-sucedida de incorporar contribuições de análise de elementos não verbais ao ISD vem da tese de Leal (2011) e da tese de Melão (2014), cujas teses recorrem à gramática do design visual de Kress e van Leeuwen (2006), derivada do quadro da semiótica social; a primeira, na análise da organização textual do gênero ‘cartoon’, a segunda, na análise de anúncios publicitários em francês. Aqui, consideramos a contribuição dentro do mesmo quadro, mas com categorizações pertencentes particularmente à multimodalidade da web.

Demonstraremos, assim, sinteticamente, que apesar das diferenças - principalmente no instrumental analítico - há similaridades entre as análises de textos feitas no quadro do ISD e as dos textos multimodais de B&T no tocante à base sociosemiótica de visão de linguagem, conceito de gênero e níveis da análise. As semelhanças parecem contribuir para uma complementação, integração e adaptação dos procedimentos de B&T aos procedimentos do ISD. Isso ocorre mais especificamente em relação às denominadas ferramentas analíticas¹: níveis ou camadas, análise de *clusters*², trajetória ou percurso de hipertexto, sistema temático e potencial de ação dos objetos do hipertexto. Porém, para os propósitos deste artigo, em termos empíricos, nos deteremos na análise dos níveis ou camadas e na análise dos *clusters*.

Quanto à organização deste artigo, primeiro, introduzimos pontos teóricos das duas perspectivas com os níveis de análise e depois discorremos uma exemplificação das análises integradas de texto multimodal de uma seção do Museu Britânico virtual. Em seu livro, B&T demonstram sua análise de texto da web sobre um sítio de “edutainment” (edutainment), NasaKids que não mais está disponível. Supondo que educadores em geral se preocupem com esse tipo de

1. Analytical tools, em inglês.

2. Não se trata da análise de dados qualitativos, de mesmo nome, usada no campo da análise quantitativa de dados qualitativos.

sítio na web, como instrumento de seu trabalho, escolhemos o sítio do Museu Britânico virtual.

Visão de linguagem, conceito de gênero e níveis de análise

Tanto o texto no quadro ISD proposto por Bronckart como o texto multimodal sob a ótica da semiótica social, em Baldry e Thibault, compartilham uma visão social da linguagem. Para ambas as correntes, o uso da língua é motivado socialmente e os signos, na sua relação entre significante e significado, são constituídos pela convenção social³, e não por uma relação inerente, natural e necessária. De acordo com B&T, o texto multimodal é visto sob a ótica de Halliday (2001[1978]) que atribui à linguagem sua qualidade sociosemiótica. Semiótica, segundo ele, por se tratar do estudo geral dos signos, originalmente observados pelos estoicos, distinguindo *semainon* de *semainomenon*⁴ (significante e significado respectivamente), até ser desenvolvido por Saussure.

Afirma Halliday que, embora os signos tradicionalmente sejam vistos em conjuntos relacionados, ele prefere considerar a semiótica como o estudo de sistemas de signos ou como o estudo do significado em geral (Halliday, 1989: 3-4). O atributo “social” de tal semiótica refere-se, primeiro, ao sentido de *sistema* social, como sinônimo de cultura; depois, ao sentido de parte de uma *estrutura* social, i.e., como um aspecto do sistema em que se vê a relação da linguagem com uma estrutura social. Assim, para uma teoria sociosemiótica da linguagem, diz serem necessários alguns ingredientes essenciais, que são “os conceitos de *texto*, *situação*, *variedade de texto* ou *registro*, *código* (no sentido de Bernstein, cf. Halliday, 2001[1978]: 41), *sistema linguístico* (que inclui o sistema semântico) e *estrutura social*” (Halliday, 2001[1978]: 143). O *texto* é, então, definido como a linguagem

3. Embora se diga que os signos sejam arbitrários, como formulação saussuriana, para o ISD e para a semiótica social, a arbitrariedade significa apenas convencionalidade, isto é, não-naturalidade (ou não-inerência necessária e obrigatória) na relação entre significado e significante ou, dentro da perspectiva de Hjelmslev, entre conteúdo e expressão (Halliday, 1978, p143-165).

4. τὸ σημαίνόμενον e τὸ σημαῖνον; formas participais do presente substantivadas, na voz passiva e ativa, respectivamente; “o significado, o indicado, o sentido da palavra” e “o que indica, indicador”. DGP, 2010, vol.5, pp. 8-9.

que é funcional, que está realizando algum trabalho em um contexto, por oposição a palavras ou sentenças isoladas (Halliday, 1989:5): “So, any instance of living language that is playing some part in a context of situation, we shall call a text. It may be either spoken or written or indeed in any other medium of expression we like to think of”⁵.

O texto também representa uma opção, um potencial de significado realizado, dentro de uma gama de opções semânticas presentes em um sistema de linguagem compartilhado por membros de uma cultura. Apoiando-se na distinção feita por Malinowski (1923), entre os contextos de cultura e de situação, o texto pode ser interpretado dentro de um contexto de cultura, que se constituiria de todo o sistema semântico de uma língua, tal contexto é considerado abstrato e indescritível. Já dentro de um contexto de situação, o texto é visto como um sistema semântico particular ou um conjunto de subsistemas do qual fazem parte contextos ou situações sociais específicas.

A *situação*, como elemento indispensável para uma teoria sociosemiótica da linguagem, foi inspirada nas ideias de Malinowski (1923) e Firth (1957) que a consideram como uma construção teórica sociolinguística, abstrata do meio circundante da situação concreta de produção da linguagem, ou seja, um *contexto social* como uma estrutura semiótica. Essa construção se ancora em um complexo de três dimensões: *campo*, a atividade social em curso, ou ação social a que o texto se relaciona; *tenor*, as relações implicadas de papel, ou papéis relativos aos participantes da ação, e *modo*, o canal retórico, função atribuída à linguagem, incluindo o meio (falado ou escrito). Já o registro “é a variedade semântica da qual o texto pode considerar-se um exemplo” e também “a configuração de recursos semânticos que o membro de uma cultura associa tipicamente a um tipo de situação; é o potencial de significado acessível a um contexto social dado”. (Halliday, 2001[1978]: 145).

Os falantes geralmente reconhecem as opções semânticas que estão em jogo em uma dada situação. Os *códigos* se referem à organização semiótica que governa as escolhas de significados pelo falante. Eles

5. Tradução Nossa: “Assim, qualquer instância de linguagem viva, que esteja em um contexto de situação, pode ser chamada de texto. Ela pode ser tanto falada como escrita ou até mesmo outra expressão que gostemos de pensar”.

estão acima do sistema linguístico, se realizam mediante o registro, orientando semanticamente os falantes em contextos sociais específicos. Além disso, tais códigos atuam por meio de agentes socializadores da família, amigos e escola. O *sistema linguístico* é destacado pelo sistema semântico, considerado mais importante, como o estrato semiológico de Lamb adotado por Halliday. Desse estrato, fazem parte os componentes funcionais do sistema semântico, a saber, as *metafunções ideacional, interpessoal e textual*, regidas pelo contexto social, “os modos de significação presentes em cada uso de linguagem em cada contexto social” explicando que (p.147):

A text is a product of all three; it is a polyphonic composition in which different semantic melodies are interwoven, to be realized as integrated lexogrammatical structures. Each functional component contributes a band of structure to the whole ⁶.

Essas metafunções, reinterpretadas por Lemke (1983), expandem seus significados para as *lexias*⁷ de hipertexto na web nas categorias: *de apresentação, de orientação e de organização*. Essas categorias, *contudo*, não são adotadas por B&T da mesma forma que Lemke em suas categorias de análise, na sua apropriação das metafunções ideacional, interpessoal e textual de Halliday.

No ISD, a visão de linguagem é fundada numa abordagem sociológica do discurso, sustentada por Voloshinov (1973[1929]), em que os indivíduos adquirem sua humanidade pelo caráter socio-histórico das capacidades biopsíquicas herdadas e propriedades psicológicas marcadas pelo lugar ocupado na sociedade (cf. Bronckart, 2007:1). Segundo Bronckart (2007: 2 ss), Voloshinov coloca a coletividade no primeiro lugar de ancoragem dos fenômenos psíquicos, sustentando que “ce sont les interactions verbales qui constituent les manifestations majeures de ces représentations collectives, qu’elles en constituent les

6. Tradução Nossa: “Texto é um produto de todos os três, é uma composição polifônica em que diferentes melodias semânticas são entrelaçadas para serem realizadas como estruturas lexogramaticais integradas. Cada componente funcional contribui com uma parte de estrutura ao conjunto”.

7. Lexias são unidades consecutivas de hipertexto vinculadas por *links*.

supports et les témoins objectifs⁸”. Assume-se, no ISD, tal visão da linguagem: desenvolvendo-se no humano dentro de um cenário social e dialógico (Voloshinov, 2010: 132-3; 134-5):

En effet, les signes n’apparaissent que dans le processus d’interaction entre les consciences individuelles. Et la conscience individuelle elle-même est remplie de signes. La conscience ne devient conscience qu’en se remplissant de contenu idéologique, c’est-à-dire sémiotique, et donc, seulement dans un processus d’interaction sociale.⁹

Le signe ne peut surgir que sur le terrain interindividuel, lequel, du reste, n’est pas «naturel» au sens propre [p.17] de ce terme[n.2] : entre deux homo sapiens un signe ne va pas apparaître spontanément. Il faut que deux individus soient socialement organisés, qu’ils constituent une collectivité : c’est seulement à cette condition que peut se former entre eux un milieu sémiotique. Non seulement la conscience individuelle ne peut pas expliquer quoi que ce soit, mais, au contraire, c’est elle-même qui doit être expliquée par le milieu idéologique et social.¹⁰

O método de análise do ISD, assim como o programa metodológico de Voloshinov são, primariamente, descendentes. Primeiramente, focam-se nas atividades de interação verbal em uma situação concreta, depois, centram-se em tipos de atos de fala ou gêneros de discurso mobilizados e no exame das propriedades linguísticas formais (Bronckart, 2007:3).

8. Tradução Nossa: “são as interações verbais que constituem as manifestações principais dessas representações coletivas, que lhes constituem os suportes e testemunhos objetivos”.

9. Com efeito, os signos não aparecem senão dentro do processo de interação entre as consciências individuais. E a consciência individual propriamente dita está cheia de signos. A consciência não se torna consciência senão se preenchendo de conteúdo ideológico, isto é, semiótico, e portanto, somente em um processo de interação social. (tradução nossa do francês)

10. P. 134-5: O signo não pode surgir senão sobre o terreno interindividual, o qual, no entanto, não é “natural” no sentido próprio [p.17] do termo [n.2]: entre dois homo sapiens um signo não vai aparecer espontaneamente. É preciso que dois indivíduos sejam socialmente organizados, que eles constituam uma coletividade: é somente nesta condição que se pode formar entre eles um meio semiótico. Não somente a consciência individual não pode explicar o que quer que seja, mas, ao contrário, é ela mesma que deve ser explicada pelo meio ideológico e social. (tradução nossa do francês)

[nota 2] A sociedade é, bem entendido, igualmente uma parte da natureza, mas somente uma parte distinta do ponto de vista qualitativo que possui suas próprias regras e leis específicas. (tradução nossa do francês)

Em Voloshinov, Bronckart destaca a *situação de comunicação*, posto que nela residem três dimensões afetando a significação dos enunciados de um modo que esses não refletem como espelho a situação externa, mas são reconstruídos, “integrando-se ao enunciado como elemento indispensável a sua constituição semântica” (Voloshinov 1991[1926] comentado por Bronckart, 2007). Tais dimensões são: horizonte espaço-temporal compartilhado pelos interlocutores, o conhecimento da situação e a avaliação da situação pelos mesmos. No ISD, elas terão impacto nos procedimentos de análise referentes à situação de produção. **Poder-se-ia dizer que tal nível de análise nos remete à concepção de contexto social apontado por Halliday mencionado anteriormente.**

Os gêneros de texto, conceitos originais de Jakubinski, são retomados por Voloshinov na sua estreita relação com as situações específicas de comunicação, ou seja, ao considerar estruturas textuais determinadas por tais situações. Os gêneros aí concebidos parecem estar no plano mais abstrato de variação do *código*, materializados em *registro*, ou como um tipo de situação do contexto que corresponde a um tipo de texto ou registro (cf. Motta-Roth, 2008; cf. Matthiessen, Teruya & LAM, 2010:107). No ISD, gêneros de textos, como lembra Machado (2010 [2005]), são produtos sociais e históricos que explicam a ação da linguagem. São construtos que existem antes de nossas ações, indexados às situações de linguagem, ou seja, “são portadores de um ou de vários valores de uso” (Machado, 2010: 250). Em outras palavras e embasadas em Coutinho (2007:102), os gêneros de textos “... são formatos relativamente estabilizados, elaborados pelas gerações precedentes e que coexistem...”.

Não casualmente Maybin (2002 [1994]: x-xi), em seu *Language and literacy in social practice: a reader*, apresenta o capítulo voloshinoviano, *Language and ideology*¹¹, seguido ao hallidiano, *Language as social semiotic*¹², fazendo o comentário de que os escritos socio-históricos russos, como o de Voloshinov e o de Vygotsky, adicionam uma dimensão política e histórica à abordagem sistêmica de Halliday. Além da dimensão histórico-social, o ISD incorpora uma dimensão so-

11. capítulo 4 de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*.

12. capítulo 6 id.ibid.

ciopsicológica, em que a linguagem, organizada socio-historicamente, e sua evolução têm um papel fundamental no desenvolvimento psíquico e na construção da consciência humana.

A semiotização do psiquismo assumida no ISD é observada por Bronckart em Voloshinov à medida que a formação da consciência depende dos signos constituídos interacionalmente. Então, a linguagem é vista como estreitamente ligada à consciência, por meio do discurso interior, uma internalização das interações verbais externas e socializadas. Mas é principalmente de Vygotsky que o ISD assume a visão psicológica do desenvolvimento humano em que este é dependente da apropriação de elementos linguageiros. Essa apropriação, por um lado, ocorre de forma social, por meio de interações e, por outro, de forma pessoal ou egocêntrica, tornando-se um elo essencial do processo do pensamento consciente sobre o qual são impressos valores socio-históricos (Bronckart, 2007). Sendo assim, essa dinâmica da consciência coloca as práticas verbais e principalmente aquelas organizadas em gêneros textuais no espaço intermediário entre o psicológico e o sociológico.

Embora B&T não aprofundem os aspectos psicológicos dos gêneros, a revisão proposta por eles merece aqui uma consideração. Para eles, os gêneros, são vistos tradicionalmente como esquemas de componentes, com funções e sequências particulares, obrigatórios e facultativos, orientados a um objetivo, ou como um *aparato (device)* pedagógico em aulas de escrita, para conscientização e controle (Martin 1985; Thibault 1989), em que o *locus de controle* permanece no esquema do gênero forçando uma revisão do conceito de gênero no caso da web. O aparato se transforma em instrumento semiótico (*semiotic tool*) e “é apenas um dos componentes que interage com todos os outros numa rede distribuída de atividades realizadas no tempo que levam aos textos” (B&T: 117). A web “faz surgir novos gêneros, novas combinações semióticas, novas integrações de atividades produtoras de significado” (B&T: 117). Também faz retornar o *locus de controle* para “o usuário, como produtor e improvisador de soluções” (B&T: 118). Tais considerações talvez não possam ser cogitadas sem se aceitar uma dinâmica ativa de ampliação da semiotização do psiquismo. Ainda, que a web como texto exerceria uma força no sentido da variabilidade, flexibilidade, da fluidez dos recursos semióticos e multitarefas ou ações múltiplas do sujeito sobre o texto.

Como mencionado anteriormente, os procedimentos de análise dentro do ISD, então, seguem um método descendente. Nele, são consideradas as camadas do texto, do nível maior para o menor. São observados o contexto de produção, o nível organizacional ou infraestrutural, o nível dos mecanismos de textualização, o enunciativo e, por último, semântico. Para B&T, a análise também ocorre em camadas, mas essas não se dividem se distinguem da mesma forma. O nível mais alto é o do contexto de cultura denominado como “L + 1”. Já o nível mediano é chamado de “L”, que diz respeito à interface de usuário, ao contexto de situação, à análise do potencial de ação dos objetos no hipertexto. Comparando os dois aportes analíticos em questão, podemos dizer que “L+1” pode, em certa medida, ser contemplado pelo nível do contexto de produção; e “L” estaria contemplado no ISD no que se refere a texto; em “L”, concentrar-se-iam os níveis organizacional ou infraestrutural, enunciativo e semântico. O nível L-1 parece não estar contemplado.

Uma análise em desenvolvimento: camadas e *clusters*

Segundo Machado & Bronckart (2009:46), o contexto de produção contempla o momento sócio-histórico em que os textos foram produzidos e os parâmetros que podem influenciar a organização de um texto. Ainda dentro do contexto, a situação de produção especifica se o produtor do texto se encontra em uma situação que pode ser descrita por um conjunto de parâmetros físicos (emissor, receptor, local, tempo) e um conjunto de parâmetros socio subjetivos (papel social do enunciatador e destinatário, instituição social e objetivo da produção). Com base neles, podemos hipotetizar possíveis representações que o autor teria sobre o contexto de produção físico e o socio subjetivo. Na seção inicial do Museu Britânico *Young Explorers* (fig.1), observamos um propósito comunicativo que pode ser associado a um modelo emergente, nomeado “edutenimento”, neologismo que aglutina os termos *educational entertainment*, criado por Robert Heyman para designar documentários educativos na televisão em 1973 (Rey-López et al., 2006:457). O provedor do serviço é conhecido mundialmente no mundo físico, o Museu Britânico, primeiro museu público nacional do mundo e fundado no século XVIII. Sendo um serviço estendido

do museu, espera-se relação entre conteúdos e a mesma qualidade e autoridade em relação a esses, inspirando a confiança do usuário. Ele é dirigido aos jovens e à família, com caráter educacional e, ao mesmo tempo, de divertimento. Tanto a análise sociointeracionista discursiva, como a multimodal, buscam nos textos estruturas mais ou menos fixas quanto à atividade social nela realizada. No caso da web, já existe uma expectativa sobre a forma de uma *homepage* e suas variações em função de sua finalidade social (Askehave & Nielsen 2005).

Quanto ao nível organizacional ou infraestrutural, primeira camada, encontramos o plano global que é a planificação geral dos **conteúdos temáticos**, que nos permite identificar os **actantes** postos em cena, os **tipos de discurso** e os **tipos de sequência**. O conteúdo temático são as representações temáticas elaboradas pelos agentes-produtores explícitas no texto. Os tipos de sequência, segundo Bronckart (1999:250) “são

The screenshot shows the homepage of the Young Explorers section on the British Museum website. At the top, there is a navigation menu with links for Home, Visiting, What's on, Explore, Research, Learning, The Museum, Membership, Support us, and Shop. A search bar is located in the top right corner. Below the navigation, the main heading reads "Young explorers" followed by icons for "Create", "Play", "Discover", and "Post". The central theme is "Explore world histories and cultures". On the left, there are three featured items: "Time explorer" (The ultimate adventure game), "Museum explorer" (Discover over 500 Museum objects), and "Videos: a brief history..." (Find out about clothing, money, writing and time telling). In the center, there is a large 3D illustration of a museum building. On the right, there are sections for "Families newsletter" (with an email sign-up form), "Family events" (including "Summer activities" and "Digital workshop"), and a "Young explorers" guide to the new section. At the bottom, there are three buttons: "Family events", "Online games", and "Fascinating facts". The footer contains copyright information for the Trustees of the British Museum and links to Chinese and Arabic sites, a blog, and social media profiles (Facebook, Twitter, YouTube). It also includes links for "Contact us", "Accessibility", and "Site map".

Figura 1 – Home page da seção Young Explorers do Museu Britânico.

formas de organização linguística, em número limitado, com os quais são compostos, em diferentes modalidades, todos os gêneros textuais”.

Já os tipos de discurso são identificáveis nos textos “e traduzem a criação de mundos discursivos específicos, sendo esses tipos articulados entre si por mecanismos de textualização e por mecanismos enunciativos”. (Bronckart 1999: 138) Os mundos discursivos, por sua vez, são governados pela atividade de linguagem e compõem mundos representados pelos agentes humanos. Esses organizam as relações entre as coordenadas de situação de ação de um produtor, de um lado, e do outro, as coordenadas de mundos construídos nos textos. As inter-relações entre essas coordenadas modelam os mundos discursivos em quatro possibilidades: um mundo de exposição por parte de um locutor/ interlocutor implicado, um mundo de exposição sem implicação, i.e., autônomo; um mundo de narração com implicação do locutor/ interlocutor e um mundo de narração sem implicação ou autônomo. Essas combinações geralmente são reconhecidas nos tipos de discurso interativo, teórico, relato interativo e narração respectivamente. Quanto aos tipos de sequência, podemos compreendê-las, conforme Bronckart (2008:250), como os “modos de planificação” do conteúdo temático, i.e., uma forma de organização sequencial dos conteúdos. As sequências estão distribuídas segundo os tipos de discurso: as sequências narrativas relacionadas às narrações e relatos interativos; as sequências dialogais aos discursos interativos dialogados, as sequências argumentativas, explicativas e injuntivas aos tipos de discurso teóricos e interativos; e, as sequências descritivas estão relacionadas a todos os tipos de discurso.

Quanto aos mecanismos de textualização, segunda camada, para Bronckart ([1999], 2007), são unidades linguísticas responsáveis pela coerência textual, servindo à progressão do conteúdo temático, mantendo a coesão verbal, e a conexão e coesão nominal.

O nível enunciativo, terceira camada, (cf. Bronckart 1999:319) relaciona-se à atribuição de responsabilidade enunciativa e a como os atores se colocam diante dos enunciados, apresentando seu julgamento, suas opiniões e sentimentos, enfim, sua avaliação a respeito de fatos ou temas. A responsabilidade enunciativa pode mostrar como o próprio enunciativo é representado no texto e como são construídas suas repre-

sentações. Textualmente, tal nível é marcado por qualificadores, modalizações e vozes, como afirmam Machado & Bronckart (2009:59).

Contrastando os dois aportes analíticos, diríamos que parte do nível “L” de B & T pode estar no nível organizacional do ISD referente ao plano global com variações internas nessas categorias, que se adequam à análise da web. Essas envolvem: uma análise dos *clusters*, dirigida aos componentes agrupados na página e análise da trajetória hipertextual, com o desenvolvimento de um sistema temático ao longo dessa trajetória.

Considerando a análise dos *clusters* em uma página web, segundo B&T, ela é o ponto de partida para as análises subsequentes e promove a percepção dos conteúdos do que, no ISD, chamaríamos de **actantes** postos em cena. Os *clusters multimodais* são definidos como agrupamento local de itens- verbais, visuais etc., espacialmente próximos, definindo uma parte ou região da página como parte de um todo e relacionados entre si (cf. B&T: 31). Os autores não tocam em critérios de agrupamento de itens, mas é impossível não nos referirmos à psicologia da *gestalt*, seus princípios de similaridade, continuidade, fechamento e proximidade, bem como a sua interdependência com o todo que, apesar de propostos no início do século XX, ainda se mantêm vivos hoje (Engelmann, 2002). Para B & T, os *clusters* podem ser analisados em uma macrotranscrição, em que se vêem as estruturas maiores, ligadas a ‘gêneros’, temáticas principais, e em uma microtranscrição, em que se observam repetições e caminhos de leitura.

Na figura 2, vemos os itens marcados por agrupamentos maiores: cabeçalho, mecanismo de busca, chamada principal sobre os conteúdos, quadro principal com divisões de conteúdo, uma coluna com atividades de comunicação datadas e um rodapé.

Ficam evidentes conteúdos temáticos e os actantes postos em cena. Temos o provedor de serviço *museu* como emissor, marcado acima à esquerda do cabeçalho; os usuários *jovens exploradores* como receptores-destinatários, marcados acima do conteúdo, como uma chamada em letras maiores; os *conteúdos* referentes a histórias e culturas do mundo, com *subcluster* de conteúdos em leitura vertical, e outro bloco em leitura horizontal, a família dos jovens exploradores. Nota-se no plano horizontal do actante *museu*, vários links relacionados ao

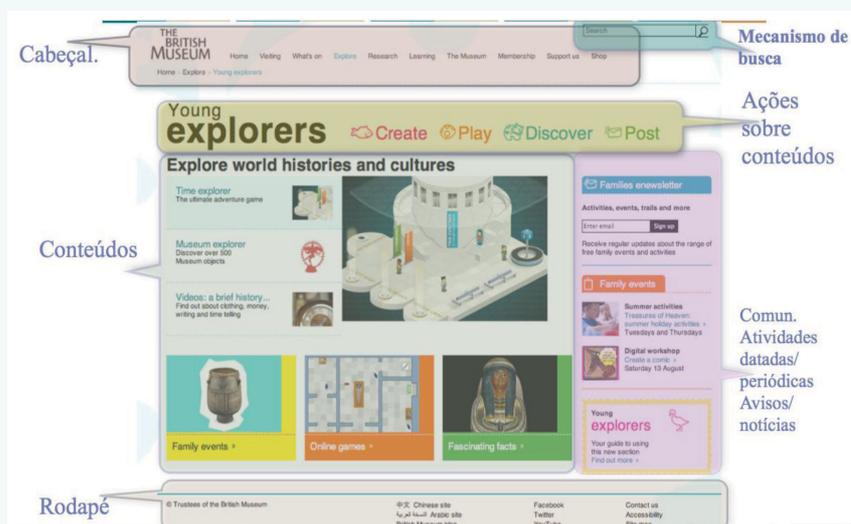


Figura 2 – Divisões maiores de clusters

museu como instituição, i.e, em nível hierárquico maior, ligado a esse em um *subcluster*, a navegação em migalha de pão¹³, que marca a posição da página; no rodapé, links associados ao museu e sua presença em servidores de comunicação, como facebook, twitter, youtube, etc. e a marca de copyright. As possíveis trajetórias de hipertexto são dadas pelas opções encontradas nos *clusters*, que promovem uma *trajetória logogenética*, não linear e ocorrendo em cascata, dependendo da escolha do usuário (B&T: 126-7). A transcrição do percurso de hipertexto é feita pela indicação de a) localização da homepage, b) ação de seleção de um objeto na home page, c) ativação em clique para atingir outra localização, e assim sucessivamente. As chamadas sequências, no ISD, seriam potencialmente dependentes da trajetória escolhida pelo usuário. O enunciador do texto é uma instituição cultural, que não se apresenta na primeira pessoa, mas se posiciona no espaço do texto como um *remetente*. O usuário reconstrói o texto por meio de um percurso selecionado por ele.

Vale notar como o provedor se dirige ao usuário: *jovens exploradores*, como uma forma de invocação, e os verbos *criar*, *jogar*, *descobrir*, *postar* e *explorar* que parecem mais um imperativo do que

13. Compreendida como uma técnica usada em interfaces de usuário para lhes propiciar um meio de localização dentro da estrutura de programas ou documentos.

uma afirmação em terceira pessoa do plural, ou seja, uma sequência injuntiva, simulando um tipo de discurso interativo. O usuário pode supor que encontrará narrativas sobre histórias e culturas mundiais, mas o mundo discursivo proposto por esta página é o da exposição com implicação do sujeito que é convidado a intervir com suas ações de criar, jogar, descobrir, postar e explorar.

A *análise do sistema temático*, que é dirigida à transitividade e covariação dos elementos dos *clusters* no percurso do hipertexto e à observação dos elos de variação transmodal, parece evocar tanto um “micro” plano de conteúdos temáticos, sequências e tipos de discurso, quanto os mecanismos de textualização no ISD. Nessa análise são observadas as categorias de *participante*, de *processo* e de *material*, que são pontos relativos aos processos na função experiencial.

No *cluster* da figura 2, em que há a chamada *Young explorers*, temos o “participante-processo” *ator*, *material* cuja *meta* é *explore world histories and cultures*, e cuja temática principal é explorar culturas do mundo, por meio das ações de criar, jogar, descobrir e postar. Há uma relação verbo-visual das figuras do “peixe” com *create*, “bola” com *play*, “hipopótamo” com *discover*, e “envelope” com *poster*. No *elo covariado* verbo-visual, na relação *transmodal* temática, no *cluster* de conteúdos verticais, *Explore world*, encontramos *Explorador do tempo* junto com *the ultimate adventure game*, em que a meta do jogar tem um atributo, sendo qualificado de *ultimate adventure* (jogo de aventura mais moderno). Verificamos o texto e, ao lado, a figura da entrada no jogo. Neste mesmo *cluster*, deparamo-nos ainda com o *Explorador do museu* junto com *Discover over 500 museum objects* (Descubra mais de 500 objetos de museu). Ao portador do atributo, explorador do museu, se coloca uma meta, qualificada pela quantidade. O terceiro elemento do *cluster* mostra o elo covariado entre *Videos: a brief history; find out about clothing, money, writing and time telling* (Vídeos: uma breve história; descubra (ou descubram) sobre vestuário, dinheiro, escrita e cronômetro), e a imagem como meta do *find out* (Descubra). Os *sub-clusters* mantêm o discurso interativo com um apelo visual.

Quanto à *análise potencial dos objetos do hipertexto*, são consideradas as metafunções *experiencial*, *interpessoal* e *textual* da abordagem sistêmico-funcional, adaptadas à web. Na significação *experiencial*,

observam-se as expectativas de ações e papéis sociais representados no texto multimodal, i.e., observa-se o significado da sequência da atividade descrita como uma configuração dos participantes, do processo e do resultado: o participante-ator pode ser o próprio usuário do computador, cujo *processo* é a *ação* de *clicar* no objeto na página, que é a *meta* do participante, que obtém um *resultado*, que é a mudança de estado da página. Na significação *interpessoal*, observa-se indiretamente uma posição avaliativa do leitor sobre o mundo representado, havendo: 1) um *apelo*: visão de destaque do *subcluster* exibindo a imagem estática, mas sem contato com o mouse; 2) uma *orientação*: contato com o *mouse*, ação de *rollover* sobre o *subcluster*, que modifica a imagem antes fixa, agora uma imagem dinâmica principal, convidando o usuário a agir; 3) uma *ação*: *clie* com o mouse, ativando o *link* para outra página¹⁴. Finalmente, a significação *textual* é marcada pela covariação de elementos verbo-visuais e são observados os elos e funções: 1) *anafórico*, em que os objetos, i.e., elementos figurativos ou textuais são transformados em estados prévios da home page ou da imagem; 2) *catafórico* em que os objetos são transformados em domínios temáticos novos à frente do trajeto, obtidos por um clic. e 3) *covariado*, em que os objetos transformados compartilham características em comum com um membro de uma classe mais geral de objetos ‘clicáveis’ com potencial interativo ou temático (cf B&T: 156). No nosso exemplo, o primeiro elo seria covariado, já que há compartilhamento (fig. 3).



Figura 3 – Subcluster com elo covariado.

14. Vale salientar que B&T adotam símbolos para transcrever esse nível de significação.

Os demais *subclusters* do nosso exemplo mostrariam um elo catafórico (fig. 4 e fig. 5), uma vez que a transformação do objeto revela outros objetos e o primeiro é uma antecipação do resultado da transformação. Em um, o elemento de coesão é uma das imagens de objetos que poderão ser descobertos. Em outro, é parte de um quadro do filme que poderá ser visto. Poderíamos ir além na observação de que o quadro congelado da imagem mostra a personagem do vídeo olhando para o usuário, no mesmo nível do olhar, e em plano médio. Para Kress e Leeuwen (2006: 148), isso significa uma função de demanda, igualdade e envolvimento social com o usuário; para os psicólogos (Matsumoto & Ekman 2008), mostra uma pessoa levemente submissa ou apaziguamento, pelo abaixamento das costas e palma das mãos expostas; mas principalmente a expressão facial caracteriza a surpresa, pelas sobrancelhas levantadas. Esse quadro torna a figura mais convidativa ao usuário, mesmo sem conhecer o vídeo.

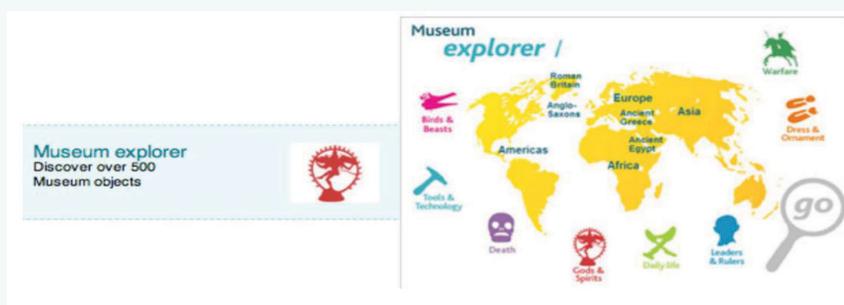


Figura 4 – Subcluster com elo catafórico.



Figura 5 – Elo catafórico do terceiro subcluster.

Em relação às modalizações e vozes como mecanismos enunciativos, observamos no texto um tom de certeza nos *clusters* de opções, que indicam e valorizam suas metas, apresentando não só números e adjetivos, mas também associando-os a imagens maiores. Nesse sentido, tanto a análise do sistema temático, quanto a de ação potencial dos objetos do hipertexto contribuem para essa constatação. Além disso, embora estejamos diante de sequências potencialmente injuntivas, a instituição-actante que provê o texto multimodal hipertextual coloca o usuário como *ator* dos vários textos que podem ser construídos. A ação que se espera mobilizar no usuário é a da exploração, descoberta e jogo. A ação esperada dos usuários familiares é a participação nos eventos e nos recursos de comunicação.

Quanto aos tipos de discurso, poderíamos dizer que, como parte do *gênero* de certos textos ligados a algumas práticas sociais na web, como o *edutenimento*, o discurso de tipo interativo estaria presente, mas certamente haverá gradações. Em um Wikipedia, por exemplo, o usuário pode ser convidado a participar e a fazer seu percurso hipertextual, mas as ações e processos possíveis de serem desempenhados são limitados a informações de caráter enciclopédico, pela inserção de várias fontes. Nesse sentido, poderíamos dizer que a identificação de vozes em hipertextos multimodais se torna bem complexa, já que o grau de intertextualidade pode ser maior.

Coda

Poderíamos prosseguir a análise apresentado uma leitura de como um texto multimodal da web seria construído pelo usuário em seu percurso hipertextual e as relações entre os temas e seus múltiplos participantes. Mas excederíamos o objetivo de aqui apontar a possibilidade de se complementar a análise multimodal com a análise de gênero de textos na perspectiva do ISD. Acrescentaríamos, às categorias existentes, as identificações dos *clusters*, das sequências temáticas dentro das trajetórias ou percursos de hipertexto e elos de covariação dos elementos.

Enfim, demonstramos que ambas as abordagens se ancoram em uma visão social e interacionista da linguagem e pressupõem o valor

psicológico instrumental do gênero. O desenvolvimento psicológico pela linguagem e pelos gêneros é assumido inteiramente no ISD e por membros do Grupo ALTER, e indiretamente em B&T, que adotam instrumentos analíticos voltados para textos multimodais da web, não contemplados pelo ISD. Embora as bases sociais da linguagem permitam um grau de integração das análises mencionadas, estudos complementares serão necessários para apurar classificações e o próprio instrumental, pois as similaridades parecem permitir, e as distinções não impedir uma adaptação dos procedimentos de B&T ao quadro do ISD.

Recebido em abril de 2013
Aprovado em abril de 2015
E-mails:
anise.a@gmail.com
glendamelo09@gmail.com

Referências Bibliográficas

- ASKEHAVE, I. & NIELSEN, A. E. 2005. *What are the Characteristics of Digital Genres? - Genre Theory from a Multi-modal Perspective. Proceedings of the 38th Hawaii International Conference on System Sciences*. IEEE.
- BRONCKART, J. P. 2007. Le langage au coeur du fonctionnement humain: un essai d'intégration des apports de Voloshinov, Vygotski et Saussure. *Conferência publicada na Revista de Estudos Linguísticos (Universidade Nova de Lisboa)*, 2009 (3): 31-62.
- BALDRY, A & THIBAUT, P. J. 2010. *Multimodal transcription and text analysis*. London: Equinox.
- BRONCKART, J-P. [1997]2007. *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sociodiscursivo*. 2ª ed. São Paulo, Educ.
- _____. 2004. *Les genres de textes et leur contribution au développement psychologique*. *Langages*, 153: 98-108.
- ENGELMANN, A. 2002. A psicologia da Gestalt e a ciência empírica contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Jan-Abr, 18 (1): 1-16.
- FIRTH, J. R. 1957. Personality in language and society. *In: Papers in Linguistics. 1934-1951*. London e Oxford: O.U.P. p. 177-189.
- HALLIDAY, M. A. K. 1994[1985]. *An Introduction to Functional Grammar*. London e Melbourne: Arnold.

- _____. [1978] 2001. *El lenguaje como semiótica social*. México. Fondo de Cultura Económica.
- _____, M. K. A. 1978. *Language as social semiotic. The Social Interpretation of Language and Meaning*. Londres: Edward Arnold. p. 143-165.
- KRESS, G. 2010. *Multimodality. A social semiotic approach to contemporary communication*. London & New York: Routledge.
- KRESS, G & LEEUWEN, T. V. 2006. *Reading images. The grammar of visual design*. 2nd ed. London/N.Y: Routledge.
- LEAL, A. L. 2011. *A organização textual do gênero "cartoon": aspectos linguísticos e condicionantes não-linguísticos*. Tese de doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. Disponível on-line: <http://hdl.handle.net/10362/6646>.
- LEMKE, J. L. 1983. Thematic analysis: systems, structures, and strategies. *Semiotic Inquiry/Recherches Sémiotiques* (RSSI)3 (2): 159-87.
- MACHADO, A. R. & CRISTOVÃO, V. L. 2009. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. In: L. Abreu-Tardelli & V.L. Cristovão Machado (orgs.) e col. *O ensino e a aprendizagem de gêneros textuais*. Campinas: Mercado de Letras.
- MALINOWSKI, B. 1923. Supplement I: The problem of meaning in primitive languages. In: Ogden e Richards (eds.). *The meaning of meaning*. New York: Harcourt. p. 296-336.
- MARTIN, J. 1985. Process and text: two aspects of semiosis. In: Benson & Greaves (eds.). *Systemic Perspectives on Discourse*. volume 1: Selected theoretical papers from the 9th International Systemic Workshop. Norwood, NJ: Ablex. p. 248-74.
- MATSUMOTO, D., & EKMAN, P. 2008. Facial expression analysis. In: K. Chen (ed.). *Scholarpedia*, 3(5), 4237. Disponível em: <http://www.davidmatsumoto.com/content/Scholarpedia%20facial%20Expression%20Analysis.pdf>
- MELÃO, P. 2014. *Gênero textual anúncio publicitário no ensino do FLE: o desenvolvimento da capacidade discursiva argumentar por meio de recursos verbais e visuais*. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MOTTA-ROTH, D. 2008. Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. *DELTA* [online]. Vol. 24, n. 2 [cited 2012-10-15], p. 341-383. Disponível em: <<http://bit.ly/WpYJAZ>>.
- MATTHIESSEN, C.M.I.M; TERUIA, Z. e LAM, M. 2010. *Key terms in systemic functional linguistics*. London e New York: Continuum.

- O'HALLORAN, K. L. 2011. Multimodal Discourse Analysis. In: K. Hyland & B. Paltridge (eds.). *Companion to Discourse*. London & New York: Continuum.
- RABARDEL, P. [1995]2002. *People and technology. Tradução do original: Les hommes et lestechnologies*. Paris, A. Colin. Disponível online: [http:// ergoser v.psy.univ-paris8.fr/Site/ default.asp?Act_group=1](http://ergoser.v.psy.univ-paris8.fr/Site/default.asp?Act_group=1)
- RABARDEL, P. 2003. From artefact to instrument. *Editorial, Interacting with Computers*. 15: 641-645.
- THIBAUT, P. J. 1989. *Genres, social action, and pedagogy: towards a critical social semiotic account*. *Southern Review* (Austrália) 22, 3: 338-62.
- VOLOSHINOV, V. [1926]1981. Le discours dans la vie et dans la poésie. In: Tzvetan Todorov. *Mikhaïl Bakhtine, le principe dialogique*. Paris: Seuil. p. 181-215.
- _____. 2010. *Marxisme et philosophie du langage*. Trad. P. Sériot et Inna Tylkowski. Limoges: Lambert-Lucas.